II Encontro Nacional da ANPOLL
Rio de Janeiro, 26-29 de maio de 1987

HIERARQUIA REFERENCIAL E ERGATIVIDADE EM LÍNGUAS KARÍBE

Bruna Franchetto
Museu Nacional (UFRJ)
CNPq

A comparação entre línguas pertencentes à família karíbe revela a existência de dois sistemas de codificação dos papéis semânticos e sintáticos de Agente (A) e de Paciente (P) de verbos transitivos e de Sujeito (S) de verbos intransitivos. Os dois sistemas se distinguem pela atribuição de caso nominal e pelo esquema de concordância e marcação morfológica dos prefixos verbais de pessoa. Ambos os sistemas karíbe manifestam, contudo, com algumas variações, uma determinada hierarquia referencial de índices de pessoa e essa hierarquia controla os padrões básicos de codificação dos argumentos nucleares, padrões ergativo e norminativo-acusativo.

I - Sistema I. Ergatividade cindida e hierarquia referencial: o caso Kuikúro.

O primeiro sistema inclui Kuikúro, Kalapálo e Matipú, línguas faladas no extremo sul do território de dispersão karíbe (Alto Xingu, Mato Grosso) e Macuxí, Taurepáng, Ti

riyó, no extremo norte brasileiro (Roraima e nordeste amazônico).

São todas línguas ergativas na marcação morfológica de caso nominal e na concordância dos prefixos pessoais. O Agente é marcado com um caso "Ergativo", enquanto S e P não são marcados, estando em caso "absolutivo". A série única de prefixos pessoais revela também um padrão ergativo, pois aparecem em concordância ou com S ou com P. Como exemplo deste primeiro sistema consideremos o Kuikúro, uma das variantes dialetais do karíbe alto-xinguano (Franchetto, 1986: Cap. III). A relação de A, com verbos transitivos, é codificada pelo sufixo ou posposição **heke**, que expressa em seu campo semântico a definitividade, a identificação de um instigador específico da ação e o significado de um complemento locativo que expressa a origem ou fonte da ação. As relações de S e de P, ao contrário, não são marcadas (A/S,P): (exemplos 1 e 2 de **hand-out**).

A referência a S ou a P nos prefixos verbais ocorre somente na ausência de nominais independentes com estes mesmos papéis na oração; a forma pronominal de A é marcada por **heke** e constitui uma posposição ao verbo, em via de transformar-se em verdadeira flexão (como acontece em Macuxí e Taurepáng). Lembramos que a mesma série de prefixos funciona como prefixos nominais de "posse". Damos a seguir exemplos dessa concordância ergativa e no Quadro 1 a série de prefixos pessoais e das formas pronominais de A: (exemplos 3, 3a, 3b e 3 c) - (Quadro 1).

No Sistema I, a ergatividade é dominante, caracterizando os modos verbais descritivos, tanto nas orações prin

cipais como nas dependentes. como na maioria das línguas ergativas, encontramos em Kuikúro operações intrasitivizadoras, que, ao tornar o A um S, reorganizam a codificação das relações nucleares. Sendo o eixo da transitividade central, uma transformação antipassiva será usada quando o tópico do enunciado não é um P completamente afetado pela ação, mas sim o Agente/Ator. Veja-se nos exemplos abaixo o contraste entre as construções ergativa e antipassiva; a intransitivização do verbo é marcada pelo prefixo t- e o P é rebaixado a um complemento instrumental (sufixo -**ki**): (exemplos 4 e 4a).

Os sistemas em que coexistem construções ergativo-absolutivas (A/S≠P) e nominativo-acusativas (S=A/P) se chamam de "ergatividade cindida" (split-ergativity), fenômeno característico da grande maioria das línguas ergativas conhecidas. Na análise desses sistemas se buscam as razões que determinam esse corte, a manifestação de um ou de outro esquema sintático. Além da antipassiva, nas frases elivadas, relativas e interrogativas do Kuikúro, é possível uma "opção" entre ergatividade e nominatividade. Nesse domínio, a alternativa é determinada por uma hierarquia de índices pessoais. Assim, nas frases relativas de Objeto, a intransitivização do predicado, com a expressão de A como S, não marcado por **heke**, é preferida quando o A é de 1 pessoa (exemplo 5), possível quando o A é de 2 pessoas (exemplos 5a e 5b), bloqueada quando o A é de 3 pessoas (exemplo 5c). Se não há intransitivização, a dependente será uma oração ergativa (exemplo 5c).

Uma hierarquia de traços de pessoa, onde a 1 (sin

gular, plural inclusiva e exclusiva), seguida pela 2, contro la a realização de enunciados nominativos, é desenvolvida de maneira transparente com os modos verbais interativos. Estes denotam uma interação entre os interlocutores e têm força pragmática ou performativa direta. Em Kuikúro, são o imperativo, o intencional e o hortativo. Limito-me aqui, a uma descrição dos paradigmas do intencional e do hortativo.

Uma verdadeira cisão interna se encontra no modo Intencional (sufixo **-tai**), cujo paradigma é peculiar. Se o A é de 1 pessoa, singular, inclusiva e coletiva, teremos, em qualquer caso, uma construção de tipo nominativo, com a raiz verbal prefixada por **ñ-**: (exemplos 6, 6a, 6b).

Com A de 1 plural exclusiva, 2 e 3 pessoas e Paciente nominal, teremos uma alternância entre construções nominativas e ergativas, com as seguintes importantes nuances: será preferível a construção nominativa com A de 1 pessoa exclusiva e a construção ergativa com A de 2 pessoas, num continuum gradativo entre um e outro tipo, mas com A de 3 pessoas, o enunciado será sempre ergativo: (exemplos 6c, 6d e 6e).

Todavia, a ergatividade da concordância verbal é dominante se o Paciente é referido por prefixo pessoal: (exemplo 6f).

No modo Hortativo a frase se realiza, em qualquer caso, como nominativa, já que o A é sempre de 1 pessoa inclusiva, indicada pelo prefixo **ku-** (**kuk-**) e pelos sufixos de modo/número **-ni, -tâgi.** (exemplos 7, 7a).

Sintetizando os fatos do Kuikúro, o Quadro 2 mostra seu sistema de ergatividade cindida.

Constatam-se dois cortes na cisão nominativo/ergativo:

(a) O primeiro corte corrobora um modelo de hierarquia muito comum nas línguas conhecidas: ele separa os pronomes "verdadeiros" de 1 e de 2 pessoas - indexicais que criam os participantes do ato de fala - das formas de não-pessoa, como a 3, fundamentalmente de natureza nominal.

(b) O segundo corte é uma peculiaridade do Kuikúro e se depreende do paradigma do modo intencional. Dada a alternância entre construções nominativa e ergativa quando o A é 1 pessoa exclusiva ou 2 pessoas, a conclusão é de que, em Kuikúro, os indexicais de 1 pessoa inclusiva e singular estão em posição superior na hierarquia referencial.

II - Sistema II. Sistemas complexos de referência cruzada, nominatividade cindida e hierarquia referencial: Galibí, Hixkaryâna, Waiwai, Apalaí.

O segundo sistema karíbe inclui línguas sintaticamente de tipo nominativo (S=A/P) e sem marcação nominal de caso para os argumentos nucleares, Apalaí, Hixkaryâna, Waiwai e Galibí, que tomaremos como exemplos, se distribuem quase que numa faixa contínua do sul ao norte do rio Amazonas. Construções ergativas (A marcado por sufixo) existem em domínios circunscritos, como orações dependentes e causativas e, em Apalaí, em orações independentes onde o verbo recebe o sufixo de aspecto "completivo" (veja-se as frases 9d e 11f).

Trata-se, poder-se-ia dizer, de um esquema de "nominatividade cindida".

Enquanto no Sistema I os prefixos verbais servem para a coreferência anafórica com os argumentos absolutivos S e P, os mesmos prefixos do SIstema II constituem séries complexas de referência cruzada. Galibí e Apalaí, por ter uma única série de prefixos S, se diferenciam de Hixkaryâna e Waiwai, que possuem duas séries de S intransitivo na 1 e na 2ª pessoa, Si sendo mais "ativo" e Sii sendo mais "estativo".

Os Quadros 3, 4, 5 e 6 mostram a codificação das funções predicacionais nos prefixos verbais de referência cruzada das quatro línguas. O objetivo é depreender a lógica hierarquizadora dos índices pessoais que controla a realização de diferentes padrões de marcação morfológica (Mr) e de concordância (Cc). Dada a natureza global da codificação, é necessário considerar elementos em relação, quem age sobre quem, quem é A e quem é P; a direação da relação é indicada por setas. Algumas frases exemplificam construções intransitivas e transitivas de cada língua, nas páginas 5, 6 e 7 do **hand-out.**

Passando à leitura dos Quadros, notamos que:

- Em Galibí (Quadro 3), a distribuição das formas dos prefixos segue um padrão ergativo, onde as formas de S e de P são iguais entre si e distintas das de A em todo o paradigma. Quanto à concordância, todavia, 1 inclusiva, 1 singular e 2 pessoas se opõem a 1 exclusiva e 3, traçando uma cisão entre os padrões nominativo e ergativo.

Observamos, também, que a série S é a mesma da "possessiva", com exceção da 3ª pessoa, e que a forma "redundante" de 1 inclusiva A é segmentável em 1 inclusiva S e 1 singular A.

- O paradigma Hixkaryâna (Quadro 4) é mais complexo. Além da cisão de S na 1ª e 2ª pessoas (frases 9f e 9g), a correspondência na marcação e na concordância e a oposição entre nominativo e ergativo se manifestam na 1 inclusiva e na 3, extremos da hierarquia. A concordância permanece nominativa até a cisão que separa a 3ª pessoa, mas há variação de padrões de marcação. Outra cisão separa, agora, 1 singular e 2, com marcação tripartida que distingüe A, S e P, da 1 exclusiva, onde ocorre total neutralização morfológica.

- O esquema do Waiwai (Quadro 5), apesar de muito parecido ao Hixkaryâna, apresenta diferenças importantes. O padrão é nominativo com 1 inclusiva e 2, mas a 1 singular ocupa um intervalo entre 2 e 1 exclusiva, com um domínio de marcação tripartida. Já a 1 exclusiva é absorvida na ergatividade plena da área da 3ª pessoa.

A cisão do S se limita à 1ª pessoa (frases 10d e 10e); como em Hixkaryâna, em Waiwai as formas de Si e de Sii são distintas e as formas de P iguais às da série "possessiva", com exceção da 3ª pessoa. Como em Hixkaryâna e em Galibí, o prefixo **n-** de 3ª pessoa somente ocorre na ausência de um Paciente Sintagma Nominal independente; em caso contrário, o prefixo será **y-** ou Ø (frases 9 e 9a).

- Se olharmos, agora, para o paradigma do Apalaí (Quadro 6), notamos que apenas a relação entre A de 2ª pessoa e P de 1 singular circunscreve um domínio próprio, no corte que separa a nominatividade de 1ª e 2ª pessoas (A de 2 e P de 3) da ergatividade de 1 exclusiva e de 3; esse domínio é caracterizado por marcação e concordância tripartidas (**w-** para A, **m-** para S e **o-** para P).

Temos novamente uma série única de S, como em Galibí, cujas formas (são iguais não) à série "possessiva", mas sim à série de A, o que confirmaria uma nominatividade mais definida.

Uma observação a parte merece a relação entre 1 exclusiva e 3ª pessoa em todas as quatro línguas, sobretudo a respeito da neutralização encontrada em Hixkaryâna com a 1 exclusiva, dada a ambigüidade na recuperação dos argumentos e de seus papéis na oração. Tal recuperação é possível, embora nem sempre fácil, pela presença do pronome livre de 1 exclusiva, antes ou depois do verbo: **amna** em Hixakaryâna e em Waiwai, **na?na** em Galibí, **yna** em Apalaí. Nesta última língua, se constata um processo de prefixação de **yna** à raiz verbal (frases 8e, 8f, 11e e 11i).

Comparados os paradigmas de referência cruzada das quatro línguas do segundo sistema karíbe, podemos sintetizar suas propriedades nos seguintes pontos:

(a) Trata-se de sistemas mistos de codificação dos papéis sintáticos-semânticos nucleares, já que coexistem em cada um deles padrões diferentes de concordância e de marcação morfológica. Além disso, estamos diante de sis-

temas de codificação "global", que exprimem o valor dos argumentos em relação e, ao mesmo tempo, seu papel predicacional e sua posição numa hierarquia referencial de pessoas.

(b) Os Quadros 3ª, 4ª, 5ª e 6ª visualizam o agenciamento da hierarquia referencial que controla a realização de padrões de concordância e de marcação morfológica. Os polos de tal hierarquia são consistentemente, em todas as línguas em exame, a 1ª pessoa inclusiva, no extremo superior, e a 3ª pessoa, no extremo inferior, opondo padrão nominativo e ergativo. As posições intermediárias são ocupadas por 1 singular, 2 e 1 exclusiva, com variações de uma língua para outra. Uma constante é, todavia, a proximidade da 1ª pessoa exclusiva à 3ª pessoa, na base da hierarquia.

Uma visão de conjunto dos quadros 3ª, 4ª, 5ª e 6ª, pode sugerir pistas quanto à evolução de um esquema mais ergativo para um esquema mais nominativo, mas essas hipóteses estão ainda à espera de uma maior quantidade de dados provenientes de outras línguas karíbe. Por enquanto, notamos que a ergatividade é dominante em Galibí; a nominatividade se insinua no domínio da marcação morfológica dos índices mais altos, determinando uma notável variedade de padrões na marcação do Hixakaryâna e do Waiwai, mas é somente em Hixakaryâna que a 1ª pessoa exclusiva sai da ergatividade da base da hierarquia para assumir uma marcação neutra e uma concordância nominativa. Poderíamos estabelecer assim,uma seqüên-

cia Galibí, Apalaí, Waiwai, Hixakaryâna.

(c) A hierarquia separa consistentemente as 1ª e 2ª pessoas da 3ª pessoa; a superioridade das primeiras, índices dos atores da interação verbal, se manifesta pelo fato delas estarem sempre marcadas, como A ou como P, diante do apagamento da 3ª. Além disso, a relação entre elas é quase sempre tratada de modo especial e a cisão entre Si e Sii se limita a esse nível da hierarquia.

III - Conclusões.

Ofereço, aqui, algumas considerações finais não definitivas.

Relevamos nas línguas dos dois sistemas karíbe a presença de uma hierarquia referencial dos índices de pessoa, hierarquia coerente com o modelo proposto por Silverstein (1976). Os extremos são representados pela 1 inclusiva, no topo, e pela 3ª pessoa, na base; a 2ª pessoa e a 1ª exclusiva se situam num espaço intermediário, mais próximas ora da 1 (a 2 no Sistema II e a 1 exclusiva no Sistema I), ora da 3 (a 2 no Sistema I e a 1 exclusiva no Sistema II). Tal hierarquia condiciona, como vimos, a ocorrência de construções nominativas nas línguas ergativas do Sistema I, bem como o jogo de padrões nominativos, ergativos, tripartidos e neutros, de concordância e de marcação morfológica, nos prefixos de referência cruzada das línguas não-ergativas do Sistema II.

Nas línguas ergativas os argumentos absolutivos,

S e P, podem ser analisados como sendo os tópicos não marcados do enunciado. Em Kuikúro, as ordens não marcadas SV e PVA confirmariam esse fato. O enunciado ergativo, expressando transitividade plena, se orienta a partir do tópico-paciente; os argumentos de 1 e 2 pessoas, enquanto tópicos naturais, tendem a fugir da codificação pelo caso ergativo, para se manter na posição do tópico S. As línguas, porém, podem apresentar realizações diferentes desse princípio.

Em Kuikúro, como vimos, a hierarquia opera consistentemente com os modos verbais itinerativos, condicionando a realização de um padrão nominativo. Nesses modos há uma superioridade do ponto de vista dos Atores/Agentes participantes do evento de fala, topicalizados como S, com um concomitante enfraquecimento da perspectiva de um Paciente afetado. Se acrescentarmos às construções intransitivas, as intransitivizadas ou nominativas, se observa em Kuikúro a formação de uma categoria "sujeito" (S=A), cujas propriedades se encontram fragmentadas nos argumentos A e P da construção ergativa. (Franchetto, 1986: Cap. III).

Uma mesma lógica opera no Sistema II, já que o padrão nominativo de referência cruzada entra em cena exatamente no campo das pessoas em posição superior na hierarquia; 1 inclusiva, 1 singular e 2 pessoas.

Constatada a coerência interna às línguas karíbe examinadas, quanto à existência de uma hierarquia referencial que realiza a oposição entre ergatividade e nominatividade, resta tentar os passos sucessivos do trabalho comparativo. Resta responder a algumas perguntas. É palusível pensar num processo de transformação entre os esquemas de referên-

cia cruzada do Sistema II, como sugerimos anteriormente? É plausível pensar os dois sistemas karíbe como historicamente sucessivos? Em outras palavras, línguas ergativas teriam se transformado em línguas nominativas, ou viceversa? Existem, no estágio atual dos nossos conhecimentos, hipóteses que apontam para ambas as direções.